

# HJALMAR BERGMAN

Memórias  
de um  
Morto



cavalos de ferro

## ÍNDICE

I A HERANÇA E A LEI.....	9
PRIMEIRO CAPÍTULO	
<i>FÄLT-FÄLTMAN-ARNBERG E SEUS DESCENDENTES</i> .....	11
SEGUNDO CAPÍTULO	
<i>A TUBERCULINA DE ARNBERG</i> .....	37
TERCEIRO CAPÍTULO	
<i>O PAÇO EPISCOPAL</i> .....	79
QUARTO CAPÍTULO	
<i>Os EXPLOSIVOS DE ARNBERG</i> .....	94
QUINTO CAPÍTULO	
<i>O ESPELHO</i> .....	111
SEXTO CAPÍTULO	
<i>HITROTORP</i> .....	141
II LÉONIE — UM INTERLÚDIO.....	193
III A HERANÇA E A PROMESSA .....	245
PRIMEIRO CAPÍTULO	
<i>O TRANSATLÂNTICO DE ARNBERG</i> .....	247
SEGUNDO CAPÍTULO	
<i>HOTEL DE MONTSOUSONGE</i> .....	270
TERCEIRO CAPÍTULO	
<i>HERR HANSEN EXPLICA E RELACIONA</i> .....	296
QUARTO CAPÍTULO	
<i>A REDUÇÃO DOBRADA EM QUATRO</i> .....	312
QUINTO CAPÍTULO	
<i>LE MASCHERE DA CAPO</i> .....	332

# I

## A HERANÇA E A LEI

«... para que também a vã meditação dos espíritos perdidos  
e o terrível medo dos supersticiosos O louvem  
e as lamentações dos perdidos O glorifiquem...»

DAVID RYGELIUS, o Velho  
*Imitação e Obediência à Palavra*

## PRIMEIRO CAPÍTULO

### FÄLT-FÄLTMAN-ARNBERG E SEUS DESCENDENTES

*Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus ciumento –  
Obviamente.  
Que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira  
e à quarta geração –  
Sim.  
Daqueles que me odeiam.*<sup>1</sup>

Daqueles que me odeiam.

O meu pai era ateu. Isto foi motivo de ofensa para muita gente no seu tempo, quando, ainda jovem estudante em Upsala<sup>2</sup>, desafiou o seu tio e futuro sogro, Julius Arnberg – nessa altura, professor associado, mas posteriormente bispo de W. –, para um debate público sobre a segunda e terceira cláusulas da nossa declaração de fé. O meu tio e benfeitor, o deão David Rygelius, o Novo, disse-me que foi este debate a verdadeira causa da desgraça do meu pai. Tomo, contudo, a liberdade de duvidar disto.

Tendo em conta o que agora sei, ou acredito saber, tenho de procurar a causa mais atrás no tempo.

O meu tetravô paterno, que se chamava Fält, Fältman e, por último, Arnberg, era o filho, embora nunca reconhecido, do conde Arnfelt,

<sup>1</sup> Citação retirada do livro bíblico do Êxodo (Ex 20, 5). [N. T.]

<sup>2</sup> Antiga grafia de Upsala; será mantida sempre que presente no original. [N. T.]

o general que esteve envolvido na conspiração contra Gustavo III<sup>3</sup>. Depois do baile de máscaras na Ópera, o general fugiu imediatamente para a sua propriedade, Frönsan, onde Fält era uma espécie de administrador ou mordomo. Dividiu todo o seu dinheiro e todos os seus valores em duas partes e confiou a maior destas ao seu mordomo, para uso do jovem conde. Ao tentar fugir do país, com o resto no seu baú, foi assassinado, numa quinta perto da fronteira norueguesa, pelo seu criado particular, um tal Battiste Léon. O meu pai contou-me o seguinte acerca do homicídio:

«O conde, exausto após dois longos dias de viagem, parou por volta das 18 horas numa quinta a cerca de 15 quilómetros da fronteira. O conde foi logo para a cama. Mais tarde, nessa noite, um indivíduo desconhecido chegou e pediu para falar com o criado. Após uma longa conversa entre ambos, o homem não identificado (Fält?) foi-se embora a cavalo. Por volta das 2 horas da noite, quando os habitantes da quinta estavam a dormir profundamente, o criado acordou o seu amo. Disse que recebera notícias de que o conde estava a ser perseguido: era essencial a maior rapidez possível. O conde levantou-se de imediato e mandou-o preparar tudo para as suas abluções matinais. Battiste aconselhou-o a não fazer nada que os pudesse atrasar ou acordar as pessoas da quinta; a sua higiene poderia, sem dúvida, ser adiada. O conde, contudo, bateu nos pêlos do queixo e respondeu: Não quero viajar nem mais um dia nesta condição pavorosa. Quando se sentou em frente do seu espelho, uma valiosa peça feita de vidro veneziano hexagonal, em cuja moldura de prata as sete virtudes cardeais estavam representadas, adormeceu, dormindo todo o tempo em que foi barbeado. Precisamente quando o criado limpava a navalha de barbear e a punha de lado, o conde acordou com um sobressalto, e os seus olhos estremunhados encontraram, no espelho, os do criado. O conde exclamou: Battiste! Em que estás a pensar? O que andas a tramar? A pergunta surgiu tão

<sup>3</sup> Referência a um episódio histórico ocorrido a 16 de Março de 1792, em que o rei Gustavo III da Suécia foi assassinado num baile de máscaras na Ópera de Estocolmo. A conspiração esteve a cargo de vários nobres, tendo a bala fatal sido disparada pelo oficial Jacob Johan Anckarström. [N. T.]

inesperadamente que o criado caiu de joelhos e, em lágrimas, confessou que uma certa pessoa (Fält?) tentara persuadi-lo a deixar o baú do conde cair despercebidamente na estrada durante a sua viagem dessa noite. O conde ficou extremamente agitado. Que traidor!, gritou ele. Que Judas desprezível! Tentou levantar-se, mas a toalha de barbear, que também envolvia a parte de trás da cadeira, impediu-o. O que é isto?, gritou. Já me prendeste, seu assassino! Battiste pôs-se de pé aos tombos e, com dedos trémulos, começou a desapertar o nó. O conde observou-o atentamente no espelho. E, mais uma vez, os olhos encontraram-se por um momento silencioso. Ao invés de desapertar o nó, o criado pôs ambas as mãos na cinta e apertou-a ainda mais à volta da garganta do conde. Completou a tarefa com a navalha.

No entanto, continuou o meu pai, a história não só não foi corroborada, como é também improvável. Uma vez que o criado nunca caiu nas mãos da lei e, conseqüentemente, nunca deu nenhuma confissão, e, dado que o conde foi encontrado morto pelos habitantes da quinta, ninguém foi, claro, capaz de testemunhar. A única coisa que a torna credível é o enfático grito do conde: Que traidor! Que Judas desprezível! Ele próprio acabara de sair de um acto de alta traição. E a partir de tais provas internas podemos, meu rapaz, conhecer a verdade.

Não sei, assim, ao certo até que ponto era Fält um Judas. Mas é mais do que provável que se tenha apropriado dos fundos que lhe foram confiados pelo conde. Em 1793, um homem de nome Fältman estabeleceu-se em Gotemburgo como mediador e agente marítimo. O seu fundo de maneio parece ter sido bastante considerável. Não obstante, sentiu-se obrigado a procurar um novo local de refúgio e um novo nome uns cinco anos depois. Em 1800, é encontrado em Ystad, já casado com uma das filhas da burguesia da cidade e sócio no negócio do seu sogro. Adotou, em Ystad, o nome Arnberg. As suas riquezas e reputação cresceram sem cessar. Em 1804, tornou-se vice-cônsul inglês. Morreu, em 1813, como comodoro da Ordem Vasa e cavaleiro da Ordem da Estrela do Norte.

No entanto, também há uma história de Ystad: em 1812, um navio de guerra britânico, que fora perseguido por um ou mais navios franceses, entrou no porto de Ystad. O comandante, *sir* Mogens Feurfield, tinha

a bordo uma avultada quantia de dinheiro, fundos governamentais que, de forma a proteger para lá de qualquer dúvida, ele próprio desembarcou quando procurou o cônsul inglês, com quem deixou o dinheiro em troca de um recibo adequado. Permaneceu em terra mais um dia, como hóspede do cônsul. Na noite do segundo dia, já tarde, o cônsul e um dos seus homens acompanharam *sir* Mogens até ao porto. O criado deveria levá-lo até ao navio de guerra. Era uma noite de Fevereiro, escura e ventosa. O cônsul iluminou o caminho do convidado até este descer ao barco, deu meia-volta e regressou a casa. Alguns amigos que o haviam ajudado a entreter o convidado estrangeiro ainda estavam sentados à mesa de jogo. Ele sentou-se e, enquanto baralhava as cartas, contou-lhes o porquê de o comandante os ter visitado, acrescentando que acabara por o convencer a não levar por diante a sua intenção. Foi uma pena, interrompeu um dos amigos, poderias ter guardado o dinheiro durante anos e retirar dele algum lucro. Arnberg sorriu e respondeu: Não tenho utilidade para o dinheiro de outros, apenas para o meu. Após uma hora a jogar cartas, os amigos foram embora, e o cônsul para a cama. Mas o criado não regressou nessa noite. Foi encontrado no dia seguinte, junto ao porto, seminu e meio morto. O barco virara-se, o criado usara as suas últimas forças para chegar a terra, *sir* Mogens fora ao fundo. E, com ele, de acordo com o testemunho do cônsul e a confirmação dos seus amigos, fora o dinheiro. O caso foi encerrado, mas, todavia, o assunto não se ficou por aí. Alguns meses depois, o criado acima mencionado abandonou esta vida pela sua própria mão. Foi encontrado na sua cama com a garganta cortada e, na mão, uma navalha de barbear que, aparentemente, não era a sua, sem ser, contudo, de outra pessoa qualquer. Um facto curioso em que os amigos do infeliz homem repararam em silêncio foi o de estar a segurar a navalha com a mão esquerda. Tanto quanto sabiam, não era canhoto. Na verdade, acharam este facto tão peculiar, que, certa noite, desenterraram o caixão da sua terra profana e o colocaram, sem a tampa, num tipo de câmara ardente, feita com caixas vazias, por baixo da janela do quarto do cônsul. Em seguida, esperaram pela alvorada, escondidos atrás das caixas. Como esperado, viram o cônsul, ainda em camisa de dormir

e com a touca na cabeça, subir a persiana. Pressionou a testa contra a vidraça, a perscrutar o céu e a verificar o vento e o tempo. Depois, baixou o olhar. Permaneceu quieto por alguns momentos. Os homens viram-no então tactear com as mãos em busca de algo, e assumiram que estava à procura dos óculos. Ele, porém, ergueu subitamente as mãos e agarrou o ar acima da sua cabeça, possivelmente para baixar novamente a persiana. No entanto, caiu para trás e foi, mais tarde, encontrado morto. Segundo o seu médico, sofrera de uma séria doença cardíaca durante muitos anos. A grosseira e fatídica partida dos homens exigiu e recebeu castigo adequado.

Isto é praticamente tudo o que sei sobre o meu antepassado, Fält-Fältman-Arnberg. Nada particularmente louvável. Deixou, contudo, uma fortuna considerável ao seu, tanto quanto sei, único filho. Johan Ludvig era uma honra para a família. Foi, na sua juventude, cientista, químico, físico e metalúrgico. Doutorou-se em Lund e até se tornou professor catedrático em qualquer coisa, não sei bem o quê. Mas depressa deixou a universidade. Era infeliz em Skåne. Mudou-se para Värmland e comprou a fundição de –dal, uma propriedade a cerca de 18 quilómetros de Frönsan, a propriedade dos Arnfelt. (Como resultado, a nossa família entrou de novo em contacto com os Arnfelt.) A fundição de –dal tornou-se, «tempo do doutor», uma das melhores em Bergslagen. Ouvi, alguns anos atrás, um velho trabalhador falar elogiosamente do «forno de Arnberg» – um objecto cujos méritos não conheço, e nem sequer sei qual o seu uso. Johan Ludvig era, além disso, um homem bom e prestável. Costumava dizer: Ajudar um vizinho é ajudar-se a si mesmo. E agia de acordo com isso. Foi somente graças a ele que os Arnfelt conseguiram manter Frönsan. Era também muito afectuoso com os seus filhos. A única pessoa que parece ter tido razão para falar mal dele foi a sua esposa, a poeticamente inclinada filha de um mestre-escola de Skara. (Ela tinha sangue francês ou valão, e o seu nome de solteira era Claire Aurore Clémence Lebossu!) Johan Ludvig tinha em relação a ela vários temores, que, na sua idade avançada, se endureceram até à firme convicção de que ela queria envenená-lo. De onde surgiu esta suspeita sobre a meiga e romântica Claire Aurore Clémence? Ninguém o sabia dizer, muito menos Johan



Ludvig. Não dava qualquer motivo, e nem sequer parecia zangado ou irritado com a alegada intenção criminosa da sua mulher. Via-o como um facto inescapável. No entanto, sobreviveu à sua esposa, e o facto de ter realmente morrido por envenenamento alguns meses depois – como resultado de uma confusão fatal com garrafas de medicamentos – não pode, em nenhuma circunstância, ser culpa dela.

Num daguerreótipo, provavelmente tirado para assinalar as bodas de prata, estão sentados de mão dada, olhando inocente e afectuosamente para os olhos um do outro. E suponho que o que viram nos olhos um do outro foi algo bem diferente do que o que o general Arnfelt viu nos do seu criado. Os filhos estão agrupados à sua volta. À frente está o filho mais velho, o meu avô paterno, baixo e gordo, sem pescoço, e com uma espessa barba preta à volta dos lábios carnudos e negróides. Está em pé, confiante, as pernas bastante afastadas, com a mão direita sobre o ombro da sua mãe. Entre o pai e a mãe, a sua mão esquerda no ombro da mãe, a direita no do pai, está o meu tio-avô Julius (meu tio-avô e avô materno: ou seja, o meu pai casou-se com a sua prima). Com o passar do tempo, tornou-se bispo, mas nessa altura era apenas um estudante pio com cabelo lãzudo e olhos um pouco absortos. À direita de Johan Ludvig, está o terceiro filho, Leonard. No retrato, parece ser um rapaz de 12 ou 13 anos. As suas calças são claramente demasiado apertadas, e dá a impressão de que está prestes a cair com a cara no chão. Mas segura o braço do seu pai com ambas as mãos. Em banquinhos em frente aos seus pais sentam-se Klara e Léonie. Léonie, a mais nova, uma verdadeira beleza. Morreu solteira, em local e data desconhecidos. Klara, a mais feia dos filhos, casou-se com Rygelius e acabou por se tornar a mãe do meu benfeitor, o deão David Rygelius, o Novo. Ela segura a sua irmãzinha pela mão e olha afectuosamente para os seus olhos, tal como os seus pais.

No geral, é surpreendente que estejam todos a estender os braços uns para os outros. O fotógrafo deveria ser um indivíduo sentimental e um pouco desajeitado. Ou então o sentimento familiar era arrebatador. Ou havia qualquer outra razão.

A última vez que estes irmãos estiveram juntos foi no casamento do meu avô paterno. Casou-se com Anna Maria Riis af Boskull, uma

rapariga alta, loira e bonita que fora para —dal como governanta de Léonie. O seu pai era um tesoureiro militar que pertencia a uma velha família de funcionários públicos de nobreza inferior que, apesar dos séculos de labuta ao serviço da Coroa, não conseguira subir muitos degraus na escadaria social. No terceiro dia de casamento, quando a maioria dos convidados tinha partido e apenas os cinco filhos, um velho mordomo ou guarda-livros de nome Grundberg e, talvez, um ou dois amigos mais íntimos estavam sentados à mesa, o meu avô levantou-se e sugeriu um brinde aos queridos entes falecidos, referindo-se aos seus pais. As taças de prata foram esticadas, e o brinde foi bebido em silêncio e com emoção.

No fim do mesmo, Julius disse:

Bem, meu querido Ludvig, tenho esperado muito por este brinde!

Ora, o meu avô tinha um mau temperamento e, além disso, fraca resistência à bebida. Exclamou:

Talvez preferisses que o tivesse feito ontem, à frente de estranhos indiferentes? Isso demonstra pouco tacto da tua parte, meu caro Julius. Podes ser pastor, mas ainda te falta piedade.

A minha avó, a jovem noiva, tentou acalmar a tempestade. Fez todo o tipo de perguntas sobre os sogros, e perguntou, entre outras coisas, qual fora o nome de solteira da sogra. Quando lho disseram, a jovem imprudente rompeu em gargalhadas.

Lebossu! É demasiado ridículo! *Bossu* significa marreca.

Muito delicada, murmurou Julius, muito pia.

E ele disse, reprovadoramente:

O nosso avô era, graças a Deus, um homem respeitável. Era professor em Skara.

Mentira!, gritou o meu avô, batendo com a taça na mesa. Mentas, caro Julius, mentas!

Esta investida assustou a minha avó, a ponto de a fazer exclamar: Valha-nos nosso Senhor Jesus Cristo!

Com isso, Julius levantou-se, abotoou a sua batina e disse:

Não desejo permanecer num sítio onde o nome da nossa querida mãe é ridicularizado e o santo nome de Deus usado em vão.

Bem, então vai embora, gritou o avô.

Mas Klara e Léonie arrastaram de volta o seu irmão e fizeram-no sentar-se na sua cadeira.

O avô disse:

Continuo a afirmar que o pai da nossa mãe nunca foi professor em Skara.

Discutiram isso durante algum tempo, até o velho Grundberg interromper:

O patrão tem provavelmente razão. O pai da falecida senhora era francês ou belga. Veio para cá para ajudar o doutor com as suas experiências e viveu na ala durante um par de anos. Vi-o em várias ocasiões, embora ele passasse a maior parte do tempo no laboratório. Parecia ser acanhado. No fim, o doutor parece tê-lo considerado um incómodo, por isso escreveu à família em França. E depois a filha veio recolhê-lo. Porém, não se fez grande recolha, mas antes o contrário.

Isso pode ser verdade, admitiu Julius. Mas depois tornou-se professor em Skara.

Mentira!, repetiu o avô. E Grundberg disse:

Ouvi dizer que ele dava aulas privadas em Skara. E é bem possível que tenha tido algum cargo temporário na escola. Mas penso que nunca chegou a ser professor.

Ele está enterrado em Skara, e isso é tudo o que alguma vez teve a ver com Skara, concluiu o avô.

E a feliz noiva, a minha pobre avó, não conseguiu resistir a gracejar: Caro Julius, isso também foi uma docência.

Nesse momento, Julius levantou-se, saiu da sala, pediu que o seu cavalo e a sua carruagem lhe fossem trazidos e foi-se embora sem sequer avisar os seus irmãos e cunhada. Às suas irmãs, que novamente tentaram trazer a paz, disse somente:

Não posso ficar onde os meus entes falecidos são insultados. Tenho pena do Ludvig, mas não o posso ajudar.

Esta ridícula disputa sobre a barba do papa<sup>4</sup> acabou por ser decisiva no destino do meu avô. Administrara, até então, a fundição de —dal em nome dos herdeiros, mas, na sua fúria decorrente da celebração

4 No original, *twist om pâvens skägg*: discussão absurda, sem sentido. [N. T.]

de casamento interrompida, decidiu comprar não só a parte de Julius, como também as dos outros. Isto resultou em avultadas hipotecas e numa falha crónica de capital. E, além disso, deixou-se depender demasiado dos seus próprios conselhos.

O meu avô era irremediavelmente prestável. Mudara até a máxima do seu pai, «ajudar um vizinho é ajudar-se a si mesmo», para a mais compassiva «prejudicar um vizinho é prejudicar-se a si mesmo». Mas esta era apenas uma estratégia proferida constante e repetidamente contra o sussurrante velho Grundberg. Quando, no fim da década de 1850, os dois condes Arnfelt tinham a corda ao pescoço, Grundberg, ainda um velhote rijo apesar dos 86 ou 87 anos, aconselhou o seu patrão a puxar rapidamente a corda e a tomar posse de Frönsan ele próprio. Entre outras coisas, isto teria dado à fundição em –dal a oportunidade de regular e explorar melhor o seu fornecimento de água. Mas não. Prejudicar um vizinho...

Além disso, disse o meu avô, mascando os seus lábios inchados com alegria, tenho a honra de ser aparentado à distância com os condes.

E cavalgou até Frönsan, e, com braços ainda fortes, ajudou a erguer os dois condes, ajudando o mais velho a readquirir o estatuto dos seus antepassados e a achar um cargo para o mais novo, Adolf Otto, numa firma comercial associada com a fundição em –dal. E isso não foi tudo! Quando A. O. Arnfelt fundou o Banco Independente de W. – um dos primeiros do país, e agora um dos maiores –, o metalúrgico Ludvig Arnberg encabeçou a lista de membros fundadores. E sem dúvida que não foi nenhum outro nome além do seu a atrair credores ao empreendimento.

Se não estou em erro, isto demonstra que a actualmente ilustre dinastia Arnfelt tem de agradecer à agora assassinada família Arnberg a sua posição. Qualquer expressão de gratidão tardou a aparecer: mas apareceu.

Ludvig Arnberg não era um metalúrgico cientificamente treinado como o seu pai, ainda menos um financiador, e também não era, de modo nenhum, um inovador. Era um industrial trabalhador e escrupuloso que achava a obra do seu pai a imagem da perfeição, e procurava mantê-la com o máximo das suas capacidades. Mas aquilo que fora perfeito «nos tempos do doutor» tornara-se, contudo, menos

perfeito com o tempo e, no fim, muito imperfeito. Apercebeu-se disto e procurou alívio e refúgio na sua fraqueza. O que poderia fazer sem capital? Se ao menos os seus irmãos tivessem deixado as suas partes da herança no negócio, se ao menos aquele desgraçado do Julius tivesse sido menos intempestivo – se ao menos! Se fosse esse o caso, talvez também ele pudesse ter feito milagres e aperfeiçoado a obra do seu falecido pai.

Não deixou, contudo, que isto o preocupasse. O débito e o crédito contrabalançavam-se de forma toleravelmente razoável, e isto era suficiente para um velho chefe de família. Sobretudo para um homem que conseguia dizer: Prejudicar um vizinho é prejudicar-se a si mesmo – e eu nunca o fiz. Viveu, por muitos anos, uma vida feliz e satisfeita nesta terra – frequentemente um pouco bêbado (porque nesses tempos as pessoas bebiam muito), mas mantinha, mesmo na impetuosidade da bebida, o seu bom e antiquado senso comum, instruindo os seus filhos, Johan e Otto, e transmitindo-lhes muitas máximas e regras de conduta, e elogiando sempre à sua mulher as belas mãos – mãos longas, esguias e brancas, que se consideravam um sinal de nascimento nobre.

Todavia, ao aproximar-se dos 60 anos, recebeu uma visita de A. O. Arnfelt, que dispensara o título de conde e se autointitulava simplesmente director bancário. Era um dia de Verão. A. O. estava a caminho de Frönsan, mas, como a estrada proveniente da estação passava pela fundição em –dal e ele estava cansado da viagem, decidiu passar lá a noite. O meu avô, que sofria de febre dos fenos, estava deitado no seu quarto com as janelas e as portas bem fechadas. Mas a minha avó recebeu-o de braços abertos, feliz por ter alguma ocupação para a sua língua conversadora. Arnfelt direccionou a torrente de palavras. As pessoas expressavam surpresa com o número de coisas para que achava tempo. A explicação era talvez a de que ele sabia como fazer uso de tudo. Poderia, realmente, ter *Nothing too small* como máxima no seu brasão<sup>5</sup>. Quando o jantar foi servido, provavelmente sabia

<sup>5</sup> Frase em inglês no original, que significa, em sentido literal, *Nada demasiado pequeno*, ou, em sentido mais lato, *Nada demasiado modesto*. [N. T.]

mais sobre os Arnberg do que os próprios. Pediu para lhe mostrarem a fundição. O meu tio e o meu pai, então um estudante acabado de se formar, foram os seus guias. Durante a visita, Arnfelt não proferiu palavra, além de umas questões bastante abruptas. Os rapazes estavam com suores frios. Habitados à tagarelice bem-humorada do seu pai, sentiram-se ameaçados pela taciturnidade do visitante. Terminada a visita, Arnfelt conduziu-se até ao quarto do seu anfitrião; os rapazes, que caminhavam lenta e desanimadamente atrás dele, foram parados à porta com um simples gesto. E a porta fechou-se. Não voltou a ser aberta até às 2 horas dessa noite, quando Arnfelt foi para o seu quarto. Cedo na manhã seguinte, continuou a sua viagem até Frönsan.

Por volta das 9 horas, o avô desceu até à sala de jantar, sentou-se à mesa do pequeno-almoço e comeu com apetite. Estava pálido devido à falta de sono, mas sorria. A família respirou fundo; tinham esperado algo terrível, sem saberem porquê. Após esvaziar a caneca de café e limpar os lábios negróides e a barba lanosa e grisalha, o avô disse:

Sabem que mais? Sonhei com o meu falecido pai esta noite. O que poderá significar isso?

A minha avó sabia: sonhar com os mortos significava tempos difíceis.

Bem, minha querida, disse o avô, com um franzir de testa, essa é certamente uma forma bastante superficial de ver a questão.

E, com um gesto enérgico, parecendo um verdadeiro militar, apontou para a janela com o seu guardanapo e acrescentou:

Não, parece-me implicar que estão à vista grandes mudanças para a fundição de —dal. E que a obra do meu amado pai viverá ainda durante várias gerações.

Revelou algumas das muitas decisões que a visita de A. O. e a sua conversa nocturna haviam trazido.

Mas não tens capital, disse a avó, a retomar um velho tema. O avô contraiu os lábios, mostrou o princípio de um sorriso e disse, com uma modéstia forçada:

Não creio que se recusará crédito a Ludvig Arnberg. Foi, pelo menos, essa a opinião de Arnfelt.

E acabou por ser esse o caso; Ludvig Arnberg não viu ser recusado o seu crédito. Quer tenha sido porque os bancos locais realmente respeitavam o nome, quer porque seguiam as directivas do banco Arnfelt, foram, em todo o caso, concedidos meios suficientes para que toda a fundição de –dal fosse transformada. Os amigos do avô aconselharam que fizesse as coisas mais devagar, mas ele era velho e estava com pressa. Viveu três anos num estado de felicidade quase pecaminosa. Não estava, na verdade, a trabalhar para bem das gerações futuras, mas pelas do passado. O seu refrão diário era imutável: Se ao menos o pai pudesse ver isto! Ele escavava, ele explodia, ele construía, ele alargava, ele aperfeiçoava – tudo para deleitar olhos mortos. Se ao menos o pai pudesse ver isto! Esqueceu-se dos filhos, ou, pelo menos, do meu pai, que passou esses anos em Upsala. Convenceu o meu tio, um tenente, a obter uma dispensa. Precisava das suas forças jovens – embora fossem débeis.

Continuou, desta maneira, a corrida para realizar os desejos imaginados de um morto, até que, um dia, se considerou que passara tempo suficiente, e aqueles que estavam envolvidos deram um súbito e intenso esticão nas rédeas. O meu pobre avô caiu quase instantaneamente. Ficou lá, a espojar-se no chão como costumam fazer os cavalos caídos. No Natal, o meu pai regressou a casa, vindo de Upsala. Foi no mesmo ano em que causou algum escândalo ao desafiar o tio Julius, o professor, para um debate público sobre a declaração de fé. O meu pai, que sabia que o avô nutria uma pequena aversão pelo irmão, ficou satisfeito por ser capaz de se gabar um pouco. Mas o avô ouviu com consternação. Que disparate é esse? Deveria um miúdo como tu blasfemar contra a palavra de Deus? Ele continuou:

E então rompestes relações com o tio Julius. Logo quando precisava da sua ajuda.

O meu pai respondeu que a ruptura não era, de modo nenhum, terrivelmente séria, particularmente porque ele, o meu pai, pretendia anunciar o seu noivado com a sua prima, a filha mais velha do professor, na Páscoa.

Nunca, disse o meu pai, ao recontar tudo isto, ficara tão embaraçado como fiquei então. E nunca vira tão claramente quão rápida e

intensamente uma pessoa, mesmo que velha, pode mudar. O meu pai, o meu bem-humorado pai, que geralmente encarava qualquer acontecimento familiar com divertimento sentimental ou travesso, não desperdiçou gargalhadas nem lágrimas com as minhas novidades. Durante algum tempo, olhou distraidamente em frente, agarrando então subitamente o meu ombro, e dizendo:

Então és tu quem vai ficar com o dinheiro!

Sim, Ludvig Arnberg enviou realmente o filho numa extraordinária missão junto do seu irmão Julius, bispo recém-nomeado e antecipado sogro do filho. Era uma questão de salvar a fundição de –dal para a família Arnberg. A resposta foi não, um duplo não; um não para o pretendente, outro para o pedinte. Este foi provavelmente o primeiro cálice de humilhação que o meu pai teve de engolir.

Quando o pai regressou a –dal da sua missão incumprida, o sítio estava deserto. Não se via viva alma. Mas encontrou, na pequena sala de visitas, o pai, a mãe, o irmão e a irmã. Estavam sentados em completo silêncio, imóveis, a segurar as mãos uns dos outros. Exactamente como no retrato. Durante os dias em que o meu pai estivera afastado, fora dado o golpe fatal. O avô escrevera a A. O. Arnfelt a pedir ajuda, recordando-o humildemente dos serviços que ele e o seu pai haviam prestado aos Arnfelt. É provável que A. O. estivesse meramente à espera da sua carta. Alguns dias depois, o Banco Privado, cuja própria reivindicação era relativamente insignificante, criou uma petição de bancarrota para Ludvig Arnberg. A falência despertou pouca surpresa. Em parte, porque se sabia que a posição do avô era instável e, em parte, porque os métodos do Banco Privado eram bem conhecidos. (Estes pareceriam, sem dúvida, infantilmente simples hoje em dia – mas todos começam por ser crianças!)

O meu pai transmitiu rápida e concisamente a resposta do tio Julius. Em seguida, até ele se sentou na pequena sala de estar, estendendo as mãos aos seus pais e irmãos, tornando-se parte do tragicómico grupo familiar número dois.

O grupo depressa se separou. O avô, gotoso e numa precoce segunda infância, passou a ser cuidado pela sua irmã, Klara Rygelius,



a mulher do deão, em Lillhammar. A avó também ficou no presbitério durante algum tempo, mas depressa entrou em conflito com a cunhada e mudou-se para casa do filho mais velho, o ex-tenente, para quem o tio Julius procurara posto no pobre quartel de W. Contudo, o baixo cargo e o magro rendimento do filho não se adequavam à minha querida avó, e, tendo a mulher do bispo Arnberg falecido num momento conveniente, ela assumiu a posição de governanta da casa do cunhado. O bispo, que sempre odiara a cunhada, deu, deste modo, prova de verdadeira compaixão cristã. Ela era, porém, uma bela e agradável idosa, e o bispo tratava-a com muito respeito. O avô, todavia, nunca mais voltou a ver a sua amada Anne-Marie — não sei por que motivo — e teve de se contentar em elogiar as belas mãos que o haviam encantado durante a sua vida adulta em longas e elegantes cartas.

A minha tia, Aurora, foi criada em casa do bispo, tornou-se professora e morreu nova, com tuberculose.

A fundição de —dal passou, após um interregno de um ou dois anos, para as mãos de A. O. Arnfelt.

Johan Arnberg, o meu pai, decidiu recuperar a propriedade da família. Na Primavera anterior à catástrofe, tirara o bacharelato, com física e química como matérias principais. Em vez de continuar os estudos, foi então forçado a fazê-los dar frutos assim que possível. Arranjou um cargo de professor numa escola agrícola e, dois anos depois, tornou-se director de uma escola secundária pública. Escreveu ensaios na imprensa técnica, artigos para os jornais diários, traduziu, fez cópias, verificou contas. E passou fome. Tudo para juntar um pouco de capital. Com este capital no bolso, iria para a América. A estrada real da Suécia oitocentista — para solo adoptivo.

Tinha uma mulher que lhe governava a casa. Com o passar do tempo, tornou-se minha madrastra. Chamava-se Hedda: nunca ouvi o seu apelido. Que o meu pai realmente conseguisse juntar entre 7 e 8 mil coroas ao longo de oito anos de esforços e privações, foi, sem dúvida, graças a ela. Ela não tinha comparação possível. Conseguia trabalhar enquanto dormia, ou dormir enquanto trabalhava: a cama era um qualquer sítio onde se deitava ao domingo, e comer era algo

que fazia em feriados. O resto era trabalho. No entanto, roubava o meu pai incessantemente. Levava tudo o que ele conseguia trazer para casa, quer abertamente, quer pelas suas costas; usava-o para pagar metade das despesas mais essenciais e escondia o resto. E sempre que o meu pai expressava algum modesto desejo para si ou, mais frequentemente, para ela, ela respondia:

Oh, não, Arnberg, reduziremos nisso!

Onde fora buscar essa frase? Mesmo depois, no meu tempo, era de uso diário.

Ela e o pai tiveram uma filha, a minha querida irmã Anna. Sei que a minha madrastra gostava dela. Mas, se o sucesso do meu pai estivesse em questão — ela associava-o obstinadamente com a poupança de dinheiro —, sacrificaria a criança. Na verdade, quase o fez. Quando o meu pai se quis casar com ela depois da Anna nascer, ela recusou. Reduziremos nisso, Arnberg. E, quando o meu pai mostrou ser tão obstinado quanto ela, ela simplesmente fugiu com a criança, manteve-se escondida e só voltou a aparecer depois da morte da minha mãe. A Hedda era assim, e ainda hoje o é, porque ainda vive lá, no seu casebre em ruínas.

O meu pai, deixado completamente a sós, decidiu concretizar de imediato o seu plano americano. Demitiu-se do seu cargo e pediu uma licença para se ausentar; escreveu uma longa carta de despedida ao seu pai, uma mais curta à sua mãe e foi até à cidade com as duas cartas. Na carta para o pai inserira uma pequena quantia de dinheiro, e desejava registar a correspondência. Mal levantara o recibo, um cavalheiro mais velho aproximou-se do balcão e perguntou se havia algumas cartas para si.

Em que nome?, perguntou o funcionário.

E o idoso respondeu, bastante rispidamente:

Ouçã com atenção. Leonard Arnberg.

O meu pai ficou imóvel, a carteira na mão. Leonard Arnberg! O seu tio, o filho mais novo do doutor, recebera esse nome. Fora para o estrangeiro quando era um jovem estudante, enviara algumas mensagens para casa, e, por fim, caíra completamente no silêncio. Por outro lado, nem Arnberg nem Leonard eram nomes tão

invulgares para que não se pudesse encontrar uma explicação mais plausível.

Mas, quando o funcionário dos correios respondeu que não havia cartas para Leonard Arnberg, o velho cavalheiro enfiou calmamente o braço por baixo do braço do meu pai e disse:

Guarda a tua carteira, Johan, e faz-me um pouco de companhia. Vi-te entrar na estação de correios e segui-te. Não estava, na verdade, à espera de nenhuma carta.

Tio Leonard!, exclamou o meu pai, terrivelmente chocado. É realmente o tio Leonard!

Sim, porque não seria eu?, tartamudeou o velho senhor. Então, Johan, estás a pensar ir para a América?

O tio acabou, talvez, de regressar de lá?, perguntou o meu pai.

Experimenta, rapaz! Limita-te a experimentar!, o velho sorriu obscuramente. O pai olhou para as suas roupas e notou, com um certo alívio, que, embora fossem, sem dúvida, antiquadas e um pouco ridículas, estavam completamente impecáveis. Devo acrescentar que o único luxo que o meu pai se permitiu durante a sua vida foi um guarda-roupa bastante bem fornecido e sempre irrepreensível.

E para onde vai agora, tio?, perguntou o meu pai.

O velhote parou, esfregou a manga do meu pai algumas vezes, e disse:

Bem. Compreendes. Planeava ir a Lillhammar, para ver o teu pai. Quero vê-lo novamente antes que morra. Há algo que gostaria de lhe perguntar.

E, a caminhar vagarosamente pela rua abaixo, continuou:

Diz respeito ao nosso pai, o doutor Arnberg. Era, como sabes, um homem inteligente, empreendedor e talentoso. Mas foi, na sua velhice, atormentado com a ideia fixa de que a sua querida esposa queria, ou ia, envenená-lo. Toma nota – digo que queria *ou* ia, ou seja, que ela iria, de algum modo, acabar por o envenenar. Bem, nada há de invulgar num velho que se torna obcecado com uma ideia fixa nos seus últimos anos. Mas o estranho é que o nosso pai morreu realmente por envenenamento. Foi assim que aconteceu: durante anos, queixou-se dos rins, e costumava, por isso, beber

Contrexéville<sup>6</sup>. A garrafa, que tinha um formato peculiar e, obviamente, um rótulo, era normalmente guardada no recanto da lareira do quarto. Bem, numa noite, cerca de quatro meses após a morte da minha mãe, ele sentiu um princípio de cólica renal. Levantou-se, tirou a garrafa do recanto, encheu um copo e bebeu-o. Mas a cólica só piorou e, depois de dois dias de agonia, morreu. Todos os sintomas apontavam para envenenamento por arsénico, e um exame certificou que a garrafa continha uma solução de arsénico em vez de Contrexéville. E foi assim. Mas gostaria de saber quem foi o responsável por guardar na garrafa arsénico em vez de Contrexéville.

Não houve nenhuma investigação?, perguntou o meu pai.

Sim e não, respondeu o tio Leonard. O Ludvig fez algumas pesquisas, mas não sei a que resultado chegou. Julius, por outro lado, não quis problemas. E o nosso velho dono da fundição era um homem complacente. E assim ficou. Mas quero perguntar ao Ludvig antes que ele morra. E que Deus esteja connosco, meu caro Johan.

Com isto, o velho senhor largou o braço do meu pai e, sem dizer mais nenhuma palavra, entrou no vestibulo do hotel da cidade, onde o porteiro o cumprimentou com uma antiquada vénia de 10 coroas.

Ele deve, em todo o caso, ter juntado um bocado de dinheiro por lá, pensou o meu pai, cuja mente estava cheia de imagens da terra encantada e dourada. E, completamente satisfeito com o seu bom presságio, partiu. Recebeu, na noitinha seguinte, um telegrama de Lillhammar. Após um grave ataque de gota, Ludvig Arnberg contraíra uma pneumonia e estava no seu leito de morte. O meu pai partiu assim que pôde. Mas chegou tarde demais.

No presbitério de Lillhammar estavam reunidos, além do meu pai e dos anfitriões, a minha avó e o seu filho mais novo, Otto, o antigo tenente, os quatro filhos de Klara Rygelius (inclusive o meu benfeitor, o tal deão de Lillhammar), bem como o bispo Arnberg, com os dois filhos e filha, Sabina, a anterior noiva do meu pai. Uma completa reunião familiar. Estavam todos profundamente comovidos, inclusive o bispo. Abraçou o meu pai e pediu humildemente que todos

6 Água das termas francesas de Contrexéville. [N. T.]

os desentendimentos pudessem ser esquecidos. Sim, o sentimento de família chamejou tão fortemente que lhes foi difícil separarem-se. Os filhos do bispo podem ter desertado no dia do funeral, mas os outros ficaram no presbitério durante quase duas semanas.

O meu pai estava tão absorto, parcialmente na sua mágoa, parcialmente com a sua futura viagem à América, e em parte com os sentimentos despertados por ver novamente Sabina, que esquecera completamente o seu estranho encontro com o tio Leonard. Contudo, certo dia, lembrou-se subitamente dele.

Céus!, disse ele, o tio Leonard deveria ter estado no funeral.

O tio Leonard?, repetiu o bispo. Não, o meu irmão Leonard tem um motivo válido para a sua ausência. Ele morreu há mais de 20 anos.

Isso não é verdade, objectou o meu pai, e contou-lhes sobre o encontro.

O bispo disse:

Deves ter sonhado, meu rapaz. Sei que o Leonard está morto.

Como é que o tio sabe isso?

O bispo reflectiu por um instante. Disse:

Digamos apenas que sei.

O pai encolheu os ombros.

Nesse caso, deve ter sido o fantasma dele a segurar o meu braço. Contou-me uma estranha história sobre o avô...

Mas o bispo ergueu as mãos. O seu rosto ficou vermelho por baixo do seu crespo cabelo branco.

Chega deste disparate! É sempre a mesma coisa! Pessoas demasiado inteligentes e iluminadas para acreditarem em Deus, acreditam antes em fantasmas. É a velha história.

E saiu para o jardim. O pai quis ir atrás dele, mas a avó impediu-o. Ela disse:

Não vás incomodar o tio Julius. Estás a estragar tudo!

Ela contou-lhe como passara anos a tentar lenta e cuidadosamente convencer sua reverência a olhar favoravelmente para Johan e Sabina. Recentemente, conseguira finalmente torná-lo mais receptivo a Johan, e, após a afectuosa atmosfera da actual reunião, não tinha dúvida de que as coisas dariam uma volta para o melhor. O meu pai

mal apreendera isto quando correu para o jardim, prendeu o bispo pelo ombro e disse:

A minha mãe diz-me que sua reverência começa a ganhar juízo!

E ele repetiu a sua proposta de há oito anos. O bom e velho senhor, que conseguia por vezes sorrir como um serafim ou um cupido, teve um sorriso que estava algures entre os dois. E respondeu:

Ah sim, claro! Sabina! Sabina! Pode ser uma maneira de converter um pagão supersticioso.

Olhou para ele e subitamente colocou os braços à volta do seu pescoço, irrompendo em lágrimas, com os olhos muito comprimidos contra o ombro do meu pai. O meu pai estava tão admirado quanto alarmado, porque o bispo, embora extremamente devoto, não era, de forma alguma, propenso a chorar. Recompôs-se, todavia, pouco depois, e disse:

Não é nada. Apenas algumas lágrimas que tinha reservado para o meu irmão Ludvig. Deveriam ter saído no funeral, mas nós, pastores junto às sepulturas, somos como médicos junto a leitos de morte — não é correcto chorarmos.

Olhou novamente para o meu pai e disse seriamente, mas sem o seu habitual tom de bispo: não, mais uma pessoa vulgar e pecaminosa, alguém que foi testado e não passou no teste.

Lembra-te disto, Johan! Se há algo puro na família Arnberg, mantém-no puro.

O malandro do meu pai teve dificuldade em suprimir um sorriso. O bispo talvez o tenha notado. O seu tom tornou-se monótono e abrupto como usualmente.

Bem, mantive um olho sobre ti. És habilidoso e poupado. Isso é sempre alguma coisa. Se for a vontade de Deus, talvez acabes por ser um homem minimamente decente.

E, virando-lhe as costas, acrescentou, ainda mais taciturnamente:

Bem, não tenho nada contra falares com a Sabina.

A partir de então, a emoção familiar aumentou ainda mais no presbitério. O noivado pode não ter sido anunciado, mas todos sabiam que iria acontecer, e todos estavam felizes. Dava-se com os membros da família Arnberg, tal como membros de muitas outras

famílias, o caso de poderem ser bastante indiferentes uns com os outros, podendo desprezar-se entre si. Mas afastarem-se uns dos outros? Não. E, quanto mais se separavam, mais seguros se sentiam quando o laço era, de um ou outro modo, fortalecido.

Na véspera do dia em que deveria partir, o pai teve outra conversa com o bispo. Concordaram que o pai deveria tentar a sua sorte na América, que o bispo deveria manter um olho na propriedade da família e, se uma oportunidade favorável surgisse, comprá-la, ou para ele próprio ou para o pai e, finalmente, que o noivado, ou pelo menos, o casamento, deveria ser adiado até o pai ter adquirido uma posição relativamente segura aqui ou no outro lado do oceano.

Estava tudo bem.

Nesse serão, reuniram-se pela última vez em volta da mesa de pedra no jardim. O bispo estava a ler. A avó, a jogar às cartas, a esposa do deão Rygelius, a fazer croché, o velho deão, a dormir o sono dos justos com a cabeça no ombro da sua mulher, tapando o croché com a sua longa barba branca. O seu filho, o pastor (o meu benfeitor), jogava dominó com o meu tio Otto. E o meu pai e a minha mãe estavam sentados, de modo muito natural, de mãos dadas, olhando-se nos olhos um do outro.

Subitamente, o tio Otto virou-se para o pai e disse num sussurro, com um olhar furtivo ao bispo:

Que história era aquela que estavas a contar? Que encontraste o tio Leonard?

Relutantemente, e de modo bastante abstraído, o pai repetiu como encontrara Leonard, e o que lhe dissera ele. Otto abanou a cabeça.

É certamente muito peculiar, murmurou ele. Mas eu poderia ter-lhe contado algumas coisas sobre a morte do avô. O pai contou-me a história toda. E é mesmo verdade que foi a avó quem envenenou o avô...

Tudo isto foi dito em murmúrios: o bispo não reparou em nada, mas o velho Rygelius acordou, porque, como bem se sabe, um murmúrio acorda mais depressa uma pessoa do que um discurso. O velhote suspirou profundamente, olhou à sua volta, e, quando viu a reunião,

os seus pensamentos foram talvez guiados de volta ao funeral. Porque se levantou e disse em voz alta e alarmada:

Oremos!

O bispo olhou para cima e, enquanto enviava um rígido olhar de aviso à volta do grupo, pousou o seu livro, tirou o solidéu e juntou as mãos. O velho Rygelius recitou a oração do Senhor muito devagar e um pouco hesitantemente, como se ele próprio começasse a achar a sua ideia estranha. A sua mulher pôs de lado o croché, a avó pousou as cartas, o tio Otto fechou respeitosamente os olhos, mas o meu pobre pai, demasiado ansioso, como habitualmente, agarrou-lhe o braço e disse:

Ouve, Otto, explica-te, explica-te!

O deão calou-se imediatamente, confuso. O bispo fechou os olhos e continuou a oração em voz alta até ao fim. Virou-se então para o meu pai.

Johan — é deliberada a tua exibição de falta de respeito ao interromper a nossa oração?

Mas o meu pai, que não conseguia pensar em nada além do que acabara de lhe ser contado, exclamou:

Tio Julius! Sabe o que diz o Otto? Diz que foi mesmo a avó quem envenenou o avô.

Otto encolheu-se como uma lebre atrás de uma pedra. E a avó soltou um suspiro.

Por Deus! Voltamos a isso?

O meu pai continuou:

Mas como é possível? Explica-te, Otto!

Não sei nada, murmurou Otto. Só sei que, uma vez, o pai contou...

De que falam eles?, gritou o deão ao ouvido da sua esposa. Porque, embora a tia Klara tivesse ficado meio surda na velhice, ele procurava sempre explicações junto dela. Ela sorriu.

Bem, não sei. Mas deve ser algo interessante.

É, de facto, interessante, concordou o bispo. Materialistas e ateus que acreditam em fantasmas, e filhos queridos que insultam a memória dos seus pais.

Não insultei os meus pais!, interrompeu o meu pai.



O bispo inclinou a sua cabeça educadamente.

É verdade. Isto é sobre os teus avós. E não se pode esperar que o teu respeito se estenda até à segunda geração. Contudo, o filho da acusada pede agora permissão para explicar o assunto. Infelizmente, não posso evitar que a explicação seja demasiado simples para os gostos modernos. A tua avó tinha um galinheiro, como a maioria das donas de casa na província. Com o tempo, o galinheiro ficou infestado de vermes, outra ocorrência bastante comum. De forma a remediar o problema, mandou limpar as paredes do galinheiro, os poleiros, e por aí adiante, com uma solução de arsénico. E, uma vez que não havia, nesses tempos, um tal excesso de garrafas vazias como houve posteriormente, no tempo do teu querido pai, ela guardou o arsénico numa garrafa de Contrexéville vazia. Estou pronto para vos assegurar que, com o seu excepcional sentido de ordem, ela teria tido um local seguro e secreto para a garrafa. Mas ela morreu. O teu avô, desgastado com a mágoa e a idade, já não mantinha os criados com rédea tão curta. Uma certa desintegração podia, já então, ser percebida. Bem, um criado – ou porque não o teu próprio pai? – encontrou, por acaso, a garrafa entre as coisas da tua avó. E, sem examinar o conteúdo, pôs a garrafa no local onde a água de Contrexéville era normalmente guardada. Sabemos que consequências fatais isto teve. É tão simples quanto isto.

Pode bem ser assim, admitiu o pai. Mas como explica a firme convicção do avô, a sua ideia fixa, de que seria envenenado pela sua mulher?

Uma estranha coincidência, murmurou Otto.

Mas o bispo disse:

Nunca neguei que algumas pessoas têm certas premonições ou pressentimentos do que pode vir a acontecer. Rejeito, todavia, a noção de que podemos retirar disso qualquer outra conclusão além de que Deus é onnipotente e de que dificilmente se interessa pelas leis que os materialistas determinam para os seus comportamento e acções...

Oh, bom Deus!, choramingou a avó, juntando as mãos. Sei onde isto vai dar. Primeiro, vêm os pais, e depois a religião. A primeira é como uma chuvada, a segunda, como uma tempestade. Julius, peço-te...

Claro, interrompeu o bispo, abandonemos esta religião parva, que teve como fundador um simples filho de carpinteiro, e preocupemo-nos com assuntos mais importantes, como estabelecido por Ludvig Arnberg, o chefe da fundição. Sim, eu conheço a religião familiar dos Arnberg, conheço as supostamente secretas investigações do meu irmão Ludvig. Sei que vivemos apenas para redimir um crime. Sei que aquele simpático professor em Skara, Klemens Leo Lebossu, nunca foi professor em Skara, nem pertenceu à família valã dos Lebossu que chegou à Suécia no século XVII. Não, ele era um misterioso francês que tentou envenenar o meu pai, e que, por fim, encarregou a sua filha, a minha mãe, de executar a delicada tarefa. E sei que o crime sacramental que, digamos, constitui a nossa razão de ser, foi o de o meu avô aliciar um tal Battiste Léon a assassinar o seu amo, o general Arnfelt. E também sei – e este é o ponto fulcral do novo credo, uma maravilha de profundidade! – que o mencionado Battiste Léon era – corcunda! *Il était bossu!* Lebossu! Precisamos de mais provas? O nome do criado era Léon; o nome da nossa pobre irmã era Léonie. O nosso irmão, que, naturalmente, nos assombra desde – bem, desde que morreu – chamava-se Leonard. Esplêndido! Não sei ainda porque me chamo Julius. Mas, uma vez que o meu caro falecido avô materno se chamava Klemens Leo – notem, Leo, Léon! –, só posso presumir que nós, pobres Arnberg, não estamos satisfeitos com o crime deste criado, tendo ainda de carregar aos ombros os pecados de, pelo menos, três papas.

Silêncio!, ordenou ele, repentinamente, embora ninguém tivesse mostrado nenhum sinal de desejar interrompê-lo. Isto enoja-me. Enoja-me enquanto homem, enquanto filho, e enquanto homem de Deus. Gostaria de o vomitar e ver-me livre dele! A fé na divina linhagem de Cristo é rejeitada com uma simples referência ao «empirismo» e às «leis da natureza», mas as pessoas preferem acreditar em cartomancia e presságios. A ressurreição dos mortos e uma vida depois desta são negadas, mas fantasmas e espíritos e vampiros podem existir! As pessoas não acreditam em anjos, mas acreditam em demónios!

7 Frase em francês, no original, que significa *Ele era marreco!* [N. T.]

Adoradores do Diabo! Durante séculos, pessoas combateram o reino de Deus com racionalismos e materialismo, mas agora essas armas são obsoletas. E, assim, agarram-se à espiritualidade, ao misticismo. Não, não atemos as nossas palavras ao satanismo! O Anticristo está a mostrar-se. É chegado o tempo. Meu Deus, meu Deus, agradeço-vos por deixardes esta raça de rameiras e sodomitas perecer em fogo e sangue! Esta raça de aldrabões e enganados! Esta raça de ilusionistas e idiotas! Esta raça de perigosos patifes e de patéticas bestas!

Esta veemente declaração pastoral foi recebida com imperturbável tranquilidade de espírito pelos presentes. O deão cofiou a sua longa barba, o seu filho, o pastor, continuou o seu jogo de dominó com o tenente Otto, a avó começou um novo jogo de paciência. E o pai começara a sussurrar carinhosamente ao ouvido da sua amada há já algum tempo. Mas, quando o bispo se calou, apercebeu-se de que algo deveria ser dito. E disse:

Tem razão, tio, muita razão. No entanto... como explicaria...

O peculiar misticismo dos Arnberg?, interrompeu o bispo. E continuou num tom estridente: Isso vem do teu pai. Foi isso que fez dele um covarde a vida inteira. Foi isso que o fez tratar os condes Arnfelt como se lhes estivéssemos em dívida. E, porém, dava-se o contrário, porque o nosso pai já oferecera ao senhor de Frönsan serviços que teriam erradicado qualquer dívida possível. Mas o Ludvig era um tolo, e teve a recompensa por isso. E, sabes que mais, também te posso dizer onde foi buscar todas as suas tolices. Encontrou-as no fundo de todas aquelas garrafas de rum e conhaque. Este misticismo é tão simples quanto isso quando visto através das lentes de um pobre e supersticioso sacerdote.

O meu pai levantou-se e disse:

Está a faltar ao respeito aos mortos, tio Julius. Mais: o tio falta ao respeito ao homem cuja morte provocou.

O quê?, gritou o bispo. Agora também ficou louco!

Não, disse o meu pai. Não estou louco. Considero o meu pai morto desde o momento em que foi forçado a deixar a casa dos seus pais. Depois disso, foi um morto vivo, ou um vivo morto, o que preferir. Já o sabia então, tio. Porque, quando tive a honra de lhe pedir ajuda em

nome do pai, expliquei que as consequências de uma recusa cairiam sobre ele. Não o pode refutar, se se der ao trabalho de se recordar. Tio, sabia que o pai ficaria espiritualmente devastado – e também fisicamente, já agora –, e o misticismo que tão acutilantemente critica era, claro, apenas um sintoma do início da desintegração espiritual. O senhor, que nega qualquer responsabilidade pelo homicídio do general Arnfelt, cometeu assim um homicídio, embora de forma um tanto indirecta. Que a sua consciência ainda dá sinais de vida nesse ponto, é provado por um acontecimento. Quando a mãe se mudou da casa de Otto para o paço episcopal, ela pediu que o Otto pudesse trazer o pai para viver consigo. Recusou-se a permiti-lo. Não queria ver o cadáver, tio, até estar em posição de o enterrar e usar a reserva de lágrimas de que falou antes. Mas, desde então, a sua consciência morreu, como se prova pelo pequeno discurso que acabou de fazer em honra da vítima de homicídio. Mas um homem cuja consciência morreu – está realmente vivo? Não, meu querido tio, apesar de todo o seu senso comum sacerdotal, acabou por se tornar um morto, um fantasma. Na verdade, mais fantasma do que o pobre Leonard. Pelo menos ele tinha um traço dos vivos – um desejo de saber a verdade. É tão simples quanto isso, visto através das lentes de um pobre ateu.

Enquanto o meu pai falava, o bispo estivera a olhar atentamente para a sua filha. E o que o atormentava não era, certamente, tanto as palavras do pai quanto o facto de Sabina segurar a mão do meu pai durante todo esse tempo.

O bispo levantou-se e disse:

Sabina – vem.

A minha mãe abanou a cabeça.

O bispo permaneceu imóvel por um momento, olhando nos olhos da sua filha. Inspirou profundamente.

Compreendo, disse ele, pegando no seu livro e indo embora.

A avó continuou a jogar cartas, o pastor e Otto, a jogar dominó, o deão cofiou a barba. Mas a tia Klara, que estivera a fazer croché, olhando uma vez por outra para os protagonistas com um sorriso abstraído, afastou as linhas das mãos e virou-se para o seu marido.

David – o que se passou com o Julius?

Ele – ficou – zangado!, gritou o deão.

Com o quê?, perguntou a tia.

O deão torceu a sua barba prateada, desesperado por ter de explicar algo tão complexo a ouvidos surdos.

Eu – não – sei!, gritou ele.

Oh, sorriu a surda, é o costume. Talvez ele também não saiba.

Mas tem cuidado, Johan!, acrescentou ela, a abanar a sua agulha de croché.

## SEGUNDO CAPÍTULO

### A TUBERCULINA DE ARNBERG

Em 1890, um elixir secreto com o nome *Tuberculina do Doutor Johan Arnberg* foi enviado do Laboratório Médico e Químico de J. W. Grundberg em St. Paul, Minn., EUA. No rótulo estava uma imagem de uma rapariga terrivelmente magra, ajoelhada, em desespero, à frente de uma secretária. Atrás da secretária, estava sentado um homem de meia-idade, com um estetoscópio numa mão, e descansando a cabeça, pesada com a preocupação, sobre a outra. Na sua cabeça repousava uma mão, e esta mão pertencia a um velho, um patriarca, cujas auréola e roupas longas e soltas indicavam que se contava entre os abençoados. Com a mão livre, apresentava uma folha de papel ao homem preocupado, papel onde estava escrita a palavra *Tuberculina*. Este homem preocupado estava identificado como Dr. J. Arnberg, e o patriarca como «*His grandfather, the most rev. J. L. Arnberg*<sup>8</sup>»!

As origens da admirável tuberculina eram descritas numa brochura da seguinte forma: O famoso professor alemão Robert Koch conheceu, na juventude, enquanto estudava na Universidade de Upsala (!), o quase centenário arcebispo Arnberg. Koch viu o venerável idoso curar a tuberculose no penúltimo estágio da doença com um medicamento simples e seguro. Koch tentou apoderar-se do segredo do idoso, e descobriu que ele, em cuja paróquia (!) todas as outras pessoas sofriam desta doença terrível, dedicara toda a vida a investigar a verdadeira natureza da tuberculose. Por fim, como resultado da sua piedade e do seu conhecimento do Talmude e outros textos hebraicos antigos,

8 «O seu avô, o excelentíssimo J. L. Arnberg»; em inglês no original. [N. T.]

descobriria um segredo que poderia devolver milhões de pessoas em sofrimento à saúde e à felicidade. Arnberg ofereceu-se para revelar a Koch a sua descoberta, sem qualquer custo, mas Koch, um homem orgulhoso por natureza (!), não queria partilhar a glória e os lucros (!) com o excelentíssimo Arnberg, decidindo fazê-lo à sua maneira. Após uma vida de labuta desesperada, que o levava ao limite da loucura (!), Koch lançou então a sua tuberculina, tão festejada em certos órgãos da imprensa menos escrupulosos, no mercado.

Entretanto, o venerável Arnberg falecera, deixando um neto, o célebre doutor Johan Arnberg, director médico do mundialmente famoso Laboratório de J. W. Grundberg, St. Paul, Minn., EUA. J. Arnberg herdara não só o grande conhecimento do seu avô, mas também uma compaixão irrepreensível e um amor inesgotável pelos seus semelhantes. Quase se poderia dizer que *o avô ressuscitara no neto*. Também festejara (!) a descoberta da tuberculina de Koch com júbilo altruísta. Mas imaginem a sua tristeza quando testou o medicamento na sua prática médica durante vários meses e descobriu que fazia mais mal do que bem. Como lamentou então não ter forçado o obstinado (!! ) velho a revelar o segredo no seu leito de morte! Mas o arrependimento tornou-se terror quando, certo dia, descobriu os primeiros traços da doença mortífera na sua única filha, a sua querida Anna. O mundo obscureceu diante dos seus olhos. Seguindo as tradições dos seus antepassados, procurou refúgio na bíblia da família, que herdara do avô...

Que ele encontrou entre as suas páginas uma «amarelecida e quase desfeita» receita da «tuberculina do arcebispo», não precisa de ser recontado. Omitirei as instruções de uso, bem como a longa lista de certidões, mas devo, contudo, citar a seguinte:

Fundição de –dal, Värmland<sup>9</sup>, Suécia, 15 de Junho de 1890

Ex.º J. Arnberg  
St. Paul, Minn., EUA

<sup>9</sup> Wermland, no original, referindo-se a uma província sueca. Optei por usar sempre Värmland ao longo do livro por ser a forma usual e actualmente utilizada. [N. T.]

Envie, por favor, dez caixas da sua tuberculina de imediato. Eu e o resto da minha família vemo-lo como nosso benfeitor. *O seu venerável avô* salvou-nos da ruína. O pagamento segue depois.

A. O. Arnfelt  
Conde, Banqueiro

(Todas as certidões datam de um ano antes da «descoberta» da tuberculina. A brochura termina com a seguinte questão fulcral:

Um tratamento completo da Tuberculina de Johan Arnberg custa 25 d., um caixão completo custa 50 d. – qual escolhe?)

Quanto à brochura: a sua fantástica história é, na verdade, dificilmente mais fantástica do que a verdadeira história da origem da Tuberculina de Arnberg.

Em 1885, dois anos após ter emigrado, o pai entrou em sociedade com J. W. Grundberg, sobrinho do fiel ex-assistente na fundição de –dal. O pai tornou-se director técnico do laboratório de J. W. Grundberg, uma fábrica química e de tecnologia que produzia sobretudo tratamentos cosméticos. A companhia, na qual o meu pai investiu não só as suas escassas poupanças, como também o dote da minha mãe, ia razoavelmente bem, mas não espantosamente.

A «Amydaline-Paste» e o «Face Balm»<sup>10</sup> do doutor Arnberg registaram vendas notáveis graças aos inteligentes anúncios de Grundberg, mas os lucros não eram muitos, já que os custos de produção eram elevados. Uma vez que, precisamente nessa altura, o mercado americano de elixires secretos começou a florescer e a atribuir aos seus criadores somas incríveis, Grundberg sugeriu que o negócio fosse reorganizado e que o já razoavelmente bem conhecido nome do meu pai deveria opor-se a um ou mais medicamentos fraudulentos. O meu pai, todavia, recusou-o tão fortemente que a sugestão foi afastada.

Na Primavera de 1890, os meus pais viajaram até à Suécia por ordem do meu avô. O bispo, que presumivelmente se tornara mais conciliador com o passar dos anos, desejava ver novamente a sua filha. Por seu

10 «Creme de Amigdalina» e «Bálsamo Facial», ambos em inglês no original. [N. T.]



lado, o pai queria ver novamente a sua mãe. Os meus pais foram ambos bem recebidos no paço episcopal, onde permaneceram todo o Verão. Não surgiu nenhuma discussão entre o sogro e o genro, e, se algumas nuvens ameaçavam aparecer no horizonte, a avó avançava como um furacão e dispersava-as com a sua língua tagarela. Porém, certo dia – próximo do início do Outono –, a conversa foi parar a –dal. E o bispo disse:

Bem, Johan, já renunciaste a tentar comprar –dal de volta?

O meu pai sorriu e a minha mãe respondeu:

Renunciar a comprar? Não vive para mais nada!

Não, confirmou o pai, realmente não vivo para mais nada. O facto de o meu pai ter sido forçado a abandonar –dal na falência é um espinho na minha garganta. Eu deveria, numa situação ideal, estrangular os homens que o fizeram, mas, como ser humano civilizado e genro de um bispo, deverei contentar-me com tirar os restos das mãos de A. O. Arnfelt.

O bispo abanou a cabeça.

Isso é falsa compaixão, pois é, disse ele. Mas, uma vez que persistes na tua loucura, devo dizer-te que a fundição de –dal está actualmente à venda. Tenho uma opção de compra.

O pai ficou fora de si com alegria. Infantil como ainda era, abraçou o velho e dançou a valsa com ele. A avó, que nunca se atrasava para se juntar a algo alegre, exclamou:

Então o meu pobre Ludvig está finalmente realojado! Se nos consegue ver agora deve estar a sorrir, a bela alma.

Mas o bispo enfraqueceu os seus espíritos ao contar-lhes que o preço pedido era de quase 700 mil coroas, mais do triplo do preço que Arnfelt outrora pagara.

E ele acrescentou:

Achas que conseguirias arranjar isso, meu caro Johan?

O pai pensou por alguns momentos, e então respondeu:

Sim, se me ajudar.

O bispo abotoou o seu casaco.

Não, obrigado, disse ele. Sou demasiado velho para esse tipo de aventura. E, além disso, acho mal encorajar uma fixação que provavelmente será a tua desgraça.

Mas seria um modo de expiar a sua... — começou o meu pai, até ser parado por uma terrível carantonha da avó. Ele continuou:

Bem, talvez possa arranjar ajuda de outra pessoa. Escreverei ao meu sócio ainda hoje. No fim de contas, a sua família também vem de —dal, por isso ele ainda deve ter interesse no velho local.

O pai escreveu, e depressa recebeu a resposta. J. W. Grundberg informou-o de que, de forma a fazer um favor ao seu sócio, diria ao agente da firma em Estocolmo para comprar —dal, mas, em compensação, exigia o direito de produzir e comercializar uma preparação medicinal do composto contendo o seu nome. Se o pai concordasse com estes termos, deveria telegrafar o nome da preparação, de modo que a publicitação pudesse começar de imediato.

O pai teria certamente pensado duas vezes sobre isto se, ao mesmo tempo, não tivesse sido informado pelo bispo de que A. O. Arnfelt oferecera —dal aos outros compradores. Na sua pressa, o pai telegrafou a seguinte resposta a Grundberg:

Publicita Arnberg's Food<sup>11</sup>. Crianças. Convalescentes. Receita, carta.

*Arnberg*

O pai entrou, com o aviso de recepção na mão, no quarto do bispo, onde sua reverência estava sentada, rodeado pelas suas mulheres (a minha avó, a minha mãe, as minhas duas tias solteiras e uma criada). O pai mostrou o papel à mãe e perguntou:

Sabes o que é isto?

Um aviso de recepção.

Sim, disse o pai, é o aviso de que a família Arnberg recuperou a fundição de —dal.

Grande emoção! A mãe abraçou-o, orgulhosa e feliz. A avó rompeu em lágrimas. O bispo ficou um pouco afectado e desejou boa sorte ao meu pai. Contudo, assim que lhe foi explicada a história do telegrama, disse:

Parece-me bastante americana. Espero que não o venhas a lamentar.

11 *Comida de Arnberg*. [N. T.]

O pai enfureceu-se.

Asseguro-lhe, disse ele, que pretendo comprar —dal de um modo completamente honrado. Uma preparação nutritiva não é uma aldrabice.

Não estava a pensar na tua preparação, objectou o avô. Estava a pensar em —dal. Não acredito que nós, Arnberg, estejamos destinados a possuir terras.

Ouçam só!, disse triunfantemente o pai. O bispo tornou-se supersticioso!

O bispo respondeu:

A experiência não é superstição. Vi o meu pai investir enormes somas de dinheiro em —dal sem obter nenhum ganho correspondente. E vi o teu pai arruinar-se.

O pai interrompeu-o:

Ainda me dá mais motivos para que eu não desista. É o meu dever, e é assim que tem de ser.

Apesar do mau humor do avô, toda a família Arnberg estava num estado de excitação febril. Até o tio Otto, normalmente o criado mais humilde do bispo, se atreveu a idolatrar abertamente o meu pai, dizendo que era um tipo esplêndido e o digno neto de Johan Ludvig Arnberg. A avó tornou-se, com orgulho e alegria no seu filho, até impertinente. Perguntou ao seu cunhado Julius se não estava cansado do seu báculo e da sua cruz, e quis saber se lhe poderia oferecer refúgio em casa da família. Em todo o caso, ela pretendia mudar-se para lá. Fora separada à força do seu querido Ludvig; isto era praticamente um reencontro. Foi também ela quem teve a brilhante ideia de que um cortejo cerimonial deveria entrar em —dal assim que o agente de Grundberg assinasse o contrato. A propriedade não seria, provavelmente, transferida até 14 de Março (e era então meados de Agosto), mas o edifício principal estava desocupado, e não havia nada que impedisse os novos proprietários de entrarem nas antigas delícias precisamente quando o esplendor do Outono as exhibia no seu melhor. O pai, a mãe, a avó, o tio Otto e todos os Arnberg que se honravam da sua terra natal deveriam participar no cortejo. Sim, até o avô lá estaria, embora em efigie. O seu retrato, pintado durante o último ano em —dal (pelo retratista Axel Borg, que se especializara em pinturas de alces), teria lugar de honra na carruagem da família,

engalanada com folhas de carvalho que representavam o valor do trabalho. A velha criança continuou a fantasiar nesta veia, e o pai, que era e continuaria a ser uma criança, achou tudo isto esplêndido.

Idolatria, murmurou o bispo. Adoração ancestral. Idolatria!

E nessa noite, quando o feliz clã se sentou a conversar à mesa, a decidir todos os detalhes do programa de festividades, ele disse:

Johan, sendo tu um filho tão bom, deverias também ser um bom pai.

Ora, dava-se o caso de os meus pais sentirem ter razões para esperarem isso nesse Verão, embora estas razões estivessem ainda por confirmar. (Isso era, na verdade, eu, anunciando a minha premente chegada ao mundo.) As palavras do bispo deixaram-nos embaraçados. A mãe corou e trocou um olhar apressado e matreiro com o pai. O pai manteve-se sério e perguntou:

Como diz? O que quer dizer?

O bispo puxou a sua carteira e retirou dela uma fotografia, que passou ao pai. Era da minha meia-irmã Anna. Uma rapariga de 7 ou 8 anos, magra, pálida, sofredora, com a testa larga, os lábios grossos e as feições fracas de uma criança escrofulosa.

O pai segurou-a à sua frente. Em seguida, levantou-se, dizendo: Tem razão. Sou um idiota.

Foi para o seu quarto. A mãe queria segui-lo, mas o avô impediu-a. Ele contou a história toda, que a minha mãe nunca antes ouvira. O pai nunca falara sobre esta criança. Esquecera-a, completamente absorto no trabalho, na sua ambição, na sua ideia fixa.

Cedo nessa Primavera, pouco antes de os meus pais regressarem à Suécia, o bispo recebeu uma carta da antiga governanta do meu pai. A digna Hedda escreveu que conseguira sustentar-se a si e à sua filha até então. Porém, fora então obrigada a aceitar emprego como mulher de limpeza a bordo de um navio e, como consequência, teria de deixar a criança e, como a criança precisava muito de cuidados, atreveu-se a perguntar se sua reverência lhe poderia dar alguma ajuda só por simples caridade. A resposta do avô tomara a forma de uma quantia de dinheiro. Além disso, assim que pôde, viajou até Gotemburgo, onde mãe e filha então viviam, levou a criança a um médico, e teve a confirmação de que a sua condição era, efectivamente,

preocupante. Com a ajuda do médico, arranjou-lhe vaga num sanatório para crianças na costa ocidental.

E isto, concluiu o bispo, não foi, de modo nenhum, uma tentativa de aliviar o fardo da responsabilidade sobre os ombros do meu genro. Pois acredito que todos temos de nos responsabilizar pelos nossos actos. Não, fi-lo porque, como a mulher tão sabiamente me recordou, existe uma coisa que se chama «simples caridade». Sem referência aos laços de sangue ou quaisquer tolices desse tipo.

A mãe nada disse. Foi ter com o pai. Ele estava deitado na cama, com os olhos fechados, tão quieto que poderia estar a dormir. A minha mãe estava bastante calma e não o repreendeu. Mas exigiu que ele contactasse imediatamente a Hedda, e que deveriam, se a Hedda concordasse, criar a criança como se deles fosse. O pai beijou-lhe as mãos e não falaram mais do assunto.

Mas, logo que até mesmo este assunto incomodativo pareceu ser resolvido da melhor forma possível, o pai, incorrigível como sempre, ficou outra vez feliz como um rapazinho. Escreveu uma dúzia de cartas a Hedda, remetendo-as para diferentes portos. Viajou até ao sanatório e contou depois à mãe que a rapariga estava, na verdade, com uma saúde radiante, e que só precisava de alguma ajuda da Arnberg's Food para pôr alguma carne nos ossos.

Se eu não fosse um velho ateu tão empedernido, riu-se ele, inclinar-me-ia a falar de uma bênção do céu. Assim que decidi criar um preparado nutricional para crianças convalescentes, fiquei com uma criança que é convalescente.

E ele trabalhou incansavelmente na sua «criação», adiando o cortejo cerimonial a —dal até uma altura mais apropriada. Assim que a receita ficou pronta, enviou-a a Grundberg, juntamente com uma carta em que descrevia acontecimentos recentes. Contou como o bispo descobrira e salvara a sua filha, e como ele próprio estava agora feliz por o seu preparado poder acelerar a sua recuperação. (Ele acreditava verdadeiramente no seu preparado.)

A partir desta simples história, Grundberg criou o seu magnífico anúncio americano.

O pai também escreveu que não pretendia regressar à América até à próxima Primavera, e então apenas para resolver os seus assuntos.

Nos finais de Novembro, recebeu uma resposta do seu sócio. Grunberg escreveu que a produção do preparado do pai já começara em grande escala, mas que o custo se mostrara tão elevado que uma ligeira mudança na sua composição fora necessária. Dizia depois que, uma vez que o pai acreditava que o seu preparado seria benéfico para os convalescentes, certamente seria também excelente para os doentes. Concluía escrevendo que tomara a liberdade de mudar o nome de Arnberg Food para Tuberculina de Arnberg. Graças à largamente relatada descoberta do professor Koch, Tuberculina era uma palavra mais poderosa do que Food, e as influências psicológicas não deveriam ser ignoradas, etc., etc.

Perplexo e furioso, o pai pegou na brochura. Leu-a com crescente admiração: no fim, explodiu em gargalhadas. Com a brochura na mão, correu até ao quarto do bispo:

Aí está, sogro!, gritou ele. Veja como é fácil tornar-se arcebispo na América.

Sua reverência pegou na brochura, ajustou os óculos com um sorriso e leu-a. Ainda sorria quando a pousou lentamente. Mas o pai começava a sentir-se preocupado.

Ele disse:

Um rapaz brilhante, aquele Grunberg. Não é?

E tu?, sugeriu o bispo

O pai ofendeu-se.

Certamente não julga que pretendo permitir...

O bispo pousou a mão na brochura.

Isto é mais ou menos o que tenho esperado. Sabia que viria, de um modo ou de outro. Tenho uma pequena experiência no que se refere à América — e sobre o que acontece aos Arnberg na América. Quantas destas brochuras supões que tenham sido impressas e distribuídas? Quantos retratos de *Arnberg and his grandfather*<sup>12</sup> imaginas que estejam expostos na imprensa americana? Quantas brochuras em sueco, norueguês e dinamarquês irão inundar a Escandinávia?

Porei, naturalmente, fim...

12 *Arnberg e o seu avô* (inglês no original). [N. T.]

Há gerações que uma espécie de maldição paira sobre a família de Jan Arnberg, desde que um tetravô paterno, o primeiro dos Arnberg, cometeu o terrível crime de parricídio. Para escapar à fúria vingativa do destino, o pai de Jan mudou-se para os Estados Unidos, onde, engolido pelo espectáculo da sociedade de consumo e dos *slogans* publicitários, acabou por falhar na vida; agora, é Jan quem tem de fugir: devido a um escândalo, vê-se obrigado a abandonar a pequena cidade sueca onde vive, acabando nas ruas de Hamburgo — e enquanto a tragédia começa, uma vez mais, a desenhar-se diante dos seus olhos, Jan apercebe-se de que a única opção poderá ser render-se à sua sorte.

Numa mistura macabra de comédia e pesadelo, *Memórias de um Morto* é uma reflexão teatral, irónica e onírica sobre a inevitabilidade do destino e a irracionalidade da vontade humana.

«O elevado grau de exigência que marca a sua escrita só vem tornar ainda mais recompensadora a leitura de *Memórias de um Morto*.»

**Jornal de Notícias**

«A mestria narrativa de Bergman, pejada de imaginativa carga simbólica e de ironia, torna este romance uma obra singular, elevando-o à categoria dos livros que não se deixam prender à época em que foram escritos.»

**José Riço Direitinho, *Ipsilon***



cavalo de ferro